

Introdução

O discurso construído socialmente sobre uma suposta inferioridade das mulheres foi fortemente repassado ao longo dos anos. No século XIX, mais especificamente o português, essa ideia ainda estava muito presente: as mulheres, por serem, em teoria, intelectualmente inferiores aos homens, recebiam uma educação diferente e deviam se adequar a uma ótica dominante. Nessa educação feminina, as meninas – sobretudo as pertencentes às classes burguesas – eram educadas para conseguir um casamento financeiramente vantajoso, então, elas eram ensinadas a serem uma “senhora do lar”, ou seja, aprendiam a bordar, cozinhar, cuidar da casa e do marido; além disso, essas jovens também tinham suas personalidades moldadas para serem sempre “femininas” e recatadas. Dessa forma,

A educação (...) que é a formação dos bons hábitos e produz boas esposas, mães e donas de casa, parece essencial. As virtudes femininas de submissão e silêncio, nos comportamentos e gestos cotidianos, são centrais nela. E, acima de tudo, o pudor, a honra feminina do fechamento e do silêncio do corpo. (Perrot, 2003, p. 22)

Sendo assim, as mulheres não eram instruídas a encarar diversas situações do cotidiano, pois, a elas, era necessário apenas saber como ser uma boa esposa, dona de casa e mãe. De acordo com Michelle Perrot (2019, p. 93), havia uma necessidade de

(...) educar as meninas, e não exatamente instruí-las.
ou instruí-las apenas no que é necessário para torná-las agradáveis e úteis: um saber social, em suma. Formá-las para seus papéis futuros de mulher, de dona de casa, de esposa e mãe. Inculcar-lhes bons hábitos de economia e de higiene, os valores morais de pudor, obediência, polidez, renúncia, sacrifício... que tecem a coroa das virtudes femininas.

Nesse contexto, o acesso ao saber tido como intelectual, isto é, o contato com pensadores importantes para a época e com percepções de mundo para além do âmbito familiar e caseiro, não era permitido às jovens. Logo, essa imposição social resvalava na literatura consumida pelo público feminino e as mulheres tinham suas leituras controladas

¹ Graduada em Letras – Português/Literaturas pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Atualmente cursa o Mestrado em Literatura Portuguesa pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGL - UERJ), com bolsa da CAPES. Sua área de pesquisa é a literatura portuguesa oitocentista, especificamente com foco no autor Eça de Queirós. E-mail: isabela.coradini@hotmail.com.

pelos homens, pois “o saber é contrário à feminilidade” (Perrot, 2019, p. 91). Todos esses fatores culminaram na criação de um imaginário social sobre um tipo de literatura visto como ideal para as meninas: a literatura romântica, presente muitas vezes em folhetins, romances, novelas e poesias. Entretanto, esse tipo de literatura também era criticada pela sociedade portuguesa oitocentista, pois era vista como perigosa por supostamente gerar uma mentalidade fantasiosa nas mulheres, sobretudo nas casadas.

Consequentemente, forma-se uma espécie de *looping*: as mulheres desde jovens são educadas de acordo com uma espécie de manual para se tornarem senhoras do lar e conseguirem atrair um marido com bom dote; nessa educação, elas aprendem diversos afazeres domésticos e em nenhum momento têm contato com a leitura dos intelectuais da época, restando-lhes, apenas, as leituras românticas, tidas como adequadas para elas. Por fim, a sociedade julga as moças em função dessas leituras e, por isso, cria uma visão em que a literatura passa a ser perigosa para a mentalidade feminina, em razão de uma mulher casada poder fantasiar muito com as histórias que lê e se tornar adúltera, por exemplo.

Em vista disso, é válido analisar como alguns autores portugueses do século XIX, em específico Eça de Queirós e Camilo Castelo Branco, representaram a temática da educação tradicional feminina e das mulheres leitoras em suas obras.

Eça de Queirós e a crítica à educação portuguesa

Eça de Queirós foi um autor que criticou duramente a educação feminina portuguesa: em uma de suas famosas *Farpas*, ele dizia que as mulheres, sobretudo as mais ricas, eram unicamente “educadas para o amor” e passavam a ter uma vida apática após o casamento. Na perspectiva de Saraiva e Lopes (1975, p. 961), para Eça as mulheres possuem uma ausência de ampla vida social e são “(...) vítimas de uma educação que as abandona espiritualmente à literatura romântica, criando nelas o horror da actividade e o gosto da evasão, origem das aventuras extraconjugais.”. Dessa maneira, Eça mostrava, em seus escritos, a maneira pela qual a visão dominante da sociedade oitocentista, ao mesmo tempo em que determinava a literatura romântica como a mais apropriada para as mulheres, também condenava aquelas que consumiam essa leitura. Além disso, nas narrativas queirosianas é possível não só perceber as consequências de uma educação tradicional na vida de uma mulher casada, mas também visualizar como é a bagagem cultural de uma jovem educada fora dos moldes tradicionais portugueses.

Na obra *O primo Basílio* (1878), a personagem Luísa é um grande exemplo sobre a crítica de Eça em relação à educação tradicional feminina: a jovem é educada para conseguir se casar e, depois de alcançar esse objetivo, vive uma vida passiva, praticamente restrita ao ambiente doméstico e em função do marido. Além disso, Luísa é uma ávida leitora de romances, então, como uma forma de distração, a personagem consome excessivamente a literatura romântica e busca concretizar as aventuras lidas na ficção.

A característica leitora de Luísa fica explícita já no início do romance:

Lia muitos romances; tinha uma assignatura, na Baixa, ao mez. Em solteira, aos 18 annos, enthusiasára-se por Walter-Scott e pela Escossia; tinha desejado viver n'um d'aquelles castellos escossezes, que teem sobre as ogivas os brazões da *clan*, mobilados com arcas gothicas e tropheus d'armas, forrados de largas tapeçeria onde estão bordadas legendas heroicas, que o vento do lago agita e faz viver: e amára Ervandálo, Morton e Ivanhoé, ternos e graves, e tendo sobre o gorro a penna d'aguia, presa ao lado pelo cardo d'Escossia d'esmeraldas e diamantes. Mas agora era o *moderno* que a captivava, Paris, as suas mobílias, as suas sentimentalidades. Ria-se dos trovadores, exaltára-se por Mr. De Camors; e os homens ideaes appareciam-lhe de gravata branca, nas hombreiras das salas de baile, com um magnetismo no olhar, devorados de paixão, tendo palavras sublimes. [...] (Queiroz, 1878, p. 15)

Portanto, a personagem idealizava os acontecimentos da ficção e possuía vontade de vivenciar as situações românticas que lia, no entanto, a sociedade da época condenava leitoras como Luísa, pois acreditava que essa idealização era perigosa. Do ponto de vista masculino, a literatura romântica muitas vezes era vista como prejudicial às mulheres², principalmente as casadas, pois supostamente geraria uma mentalidade transgressora que culminaria no adultério³, desse modo, “Ao longo do século XIX, reitera-se a afirmação de que a instrução é contrária tanto ao papel das mulheres quanto a sua natureza: feminilidade e saber se excluem. A leitura abre as portas perigosas do imaginário” (Perrot, 2019, p. 93). Logo, fica clara a crítica de Eça de Queirós à educação feminina portuguesa que, além de formar mulheres apáticas, possibilita uma categoria específica de literatura às jovens como se fosse a única possível a ser consumida.

Já no romance *Os Maias*, há um diálogo entre os personagens Ega e Gouvarinho em que a opinião masculina sobre a posição social das mulheres fica explícita:

² Quando Luísa adoece, um vizinho alega que “É muita dóse de novellas n'aquella cachimonia. Eu vejo-a de pela manhã até á noite de livro na mão. Põe-se a lêr romances e mais romances... Ah! teem o resultado: arrazada!” (Queiroz, 1878, p. 484). Esse trecho reforça bastante a opinião pública sobre mulheres leitoras naquele contexto.

³ Luísa trai Jorge, mas não se envolve com Basílio unicamente por conta das suas leituras. É interessante, também, considerar os desejos íntimos da personagem.

[...] Isso, segundo o Ega, prejudicava-a: porque o dever da mulher era primeiro ser bela, e depois ser estúpida... O conde afirmou logo com exuberância que não gostava também de literatas: sim, decerto o lugar da mulher era junto do berço, não na biblioteca...

– No entanto é agradável que uma senhora possa conversar sobre coisas amenas, sobre o artigo duma Revista, sobre... Por exemplo, quando se publica um livro... Enfim, não direi quando se trata dum Guizot, ou dum Jules Simon... Mas, por exemplo, quando se trata dum Feuillet, dum... Enfim, uma senhora deve ser prendada. Não lhe parece, Neto?

Neto, grave, murmurou:

– Uma senhora, sobretudo quando ainda é nova, deve ter algumas prendas...

Ega protestou, com calor. Uma mulher com prendas, sobretudo com prendas literárias, sabendo dizer cousas sobre o sr. Thiers, ou sobre o sr. Zola, é um monstro, um fenómeno que cumpria recolher a uma companhia de cavalinhos, como se soubesse trabalhar nas argolas. A mulher só devia ter duas prendas: cozinhar bem e amar bem. (Queirós, 2017, p. 413)

Aqui, percebe-se o ponto de vista dos homens sobre as mulheres, em grande parte, como o mesmo: elas devem saber realizar os serviços domésticos e não podem acessar os textos de pensadores consagrados naquela sociedade – como Jules Simon e Émile Zola –, já que não têm capacidade intelectual suficiente para compreender esse tipo de escrita. Desse modo, existe na sociedade a presença de um discurso de que a mulher não nasceu para alcançar o saber, como se para ela fosse impossível ser, simultaneamente, feminina e inteligente – tal qual afirmou o personagem Ega, “uma mulher com prendas, sobretudo literárias, é um monstro”. Essa fala reforça a recusa masculina à capacidade intelectual feminina, em virtude das mulheres inteligentes serem consideradas uma afronta aos homens, pois, conforme afirma Michelle Perrot (2019, p. 93), na perspectiva masculina “Uma mulher culta não é uma mulher.”. Entretanto, ainda em *Os Maias* há uma exceção a esse pensamento: a personagem Maria Eduarda.

Maria Eduarda foi educada em um convento, por isso não possui a tradicional educação feminina portuguesa. Com isso, a jovem tem contato com diversos intelectuais da época e possui uma bagagem literária grandiosa, não sendo restrita apenas à literatura romântica:

Os romances que preferia eram os de Dickens; e agradava-lhe menos Feuillet, por cobrir tudo de pó de arroz, mesmo as feridas do coração. Apesar de educada num convento severo de Orléans, lera Michelet e lera Renan. De resto não era católica praticante; as igrejas apenas a atraíam pelos lados graciosos e artísticos do culto, a música, as luzes, ou os lindos meses de Maria, em França, na doçura das flores de maio. Tinha um pensar muito reto e muito são – com um fundo de ternura que a inclinava para tudo o que sofre e é fraco. Assim gostava da República por lhe parecer o regimen em que há mais solicitude pelos humildes. Carlos provava-lhe rindo que ela era socialista.

– Socialista, legitimista, orleanista, dizia ela, qualquer coisa, contanto que não haja gente que tenha fome! (Queirós, 2017, p. 386-387)

Percebe-se, portanto, a riqueza cultural da personagem, pois ela possui opinião própria sobre assuntos não só literários, mas também políticos, fato difícil de acontecer entre as mulheres da época – há, aqui, uma diferença nítida entre Luísa e Maria Eduarda que consiste, principalmente, pela educação que ambas receberam. Outro fato que marca Maria Eduarda como uma mulher que vai na contramão do pensamento dominante sobre a literatura adequada para o público feminino é a sua opinião sobre um autor específico. No trecho do diálogo entre Eça e Gouvarinho, o conde aponta Feuillet como um autor aceitável para as moças lerem, contudo, Maria Eduarda não gosta desse escritor por ele maquiarem muito as suas obras. Logo, percebemos como a personagem quebra com a visão masculina sobre existir uma literatura mais aceitável para as mulheres.

Sendo assim, nas obras de Eça é possível termos dois parâmetros da relação entre mulheres, literatura e educação feminina; em ambos os casos, a crítica de Eça contra a suposta inferioridade das mulheres é clara. Luísa, criada sob os moldes de uma educação tradicional, possui uma mentalidade frágil e se deixa levar pela leitura de romances românticos, como um exemplo prático da crítica masculina a esse tipo de literatura. Já Maria Eduarda, educada em um convento, detém uma personalidade forte e apresenta opiniões literárias e políticas acerca da sociedade onde está inserida.

Mulheres leitoras e perspectiva masculina em Camilo Castelo Branco

As narrativas de Camilo Castelo Branco não são tão detalhadas quanto as de Eça de Queirós, no entanto, ainda assim é possível perceber, nos textos camilianos, a presença de personagens leitoras e destacar algumas passagens que abordam a opinião masculina sobre mulheres e literatura. Na novela *O que fazem mulheres* (1858), o narrador mostra como o discurso sobre a inferioridade feminina foi construído injustamente e adota uma postura favorável às mulheres:

Disseram filósofos e moralistas, uns grandes santos como S. Paulo, e outros grandes ateus como Voltaire, que a mulher é um ser exuberante de sensibilidade e apoucado de raciocínio.

Daí vem o denegarem-lhe acesso às ciências abstratas, às políticas, aos parlamentos, ao magistério, às regiões intelectivas do maquinismo social, e mandarem-nas cuidar dos filhos e fiar na roca. [...]

A injustiça é flagrante e odiosa. (Castelo Branco, 2010, p. 73)

No entanto, o ponto de vista masculino que repreende a leitura de novelas também fica explícito nessa obra. Em uma conversa entre João José Dias e Melchior Pimenta, observa-se

o que alguns homens da época pensavam sobre mulheres leitoras – sobretudo quanto a leitura de romances:

– Novelas!... Hum! – este *hum* do Sr. João José Dias é uma coisa semelhante a um ruído roufenho; aquele *hum* é a tese duma dissertação que ele, em tempo oportuno, há de fazer contra a leitura imoral dos romances. – A sua filha lê novelas, Sr. Melchior? – continuou ele pondo os olhos de esguelha, como molosso desconfiado.
– Entretém-se com a mãe, às vezes, nessa leitura; mas lê somente as que a mãe já tem lido.
– Pois não faz bem. As novelas são a perdição das mulheres. Lá no Rio está aquilo mal de religião e virtude desde que pegaram a ler romances as moças. Em minha casa é sujidade que não entra. Eu já uma vez, para ver o que era aquilo, pus-me a ler uma novela, chamada... chamada... não me lembra... era dum tal... dum tal Kocles, ou Koques, e, meu amiguinho, era maroteira de ferver bicho. (Castelo Branco, 2010, p. 23)

Percebe-se, nessa passagem, a mesma opinião negativa exposta na narrativa queirosiana sobre a literatura romântica: ela é prejudicial e “a perdição das mulheres”. Para se defender de um possível julgamento sobre os valores de sua casa, Melchior Pimenta diz que Angélica, sua esposa, e Ludovina, sua filha, só leem às vezes – sem citar o conteúdo dos livros – e Ludovina “lê somente as que a mãe já tem lido.”. Ou seja, o patriarca tenta mostrar que esse não é um hábito costumeiro na casa da família e provar que, como Angélica é uma mulher bem educada, de acordo com os moldes tradicionais, ela terá um bom senso para escolher as leituras propícias para ela e para a filha.

Outra personagem leitora de Camilo Castelo Branco é Cassilda Arcourt, de *A mulher fatal* (1870). Cassilda é vista pelo olhar masculino como uma mulher fatal – traço marcado pelo título da obra, inclusive – porque leva seus acompanhantes à falência ou à morte pelo seu poder sedutor; consequentemente, a personagem não possui a submissão feminina e nem a tediosa vida matrimonial comum às mulheres oitocentistas. Desse modo, Cassilda representa uma camada estigmatizada da sociedade portuguesa em razão de suas atitudes e é caracterizada como uma mulher leitora, o que interfere ainda mais na construção de sua personalidade.

Assim sendo, é possível observar uma relação mais explícita entre a representação da leitura como formadora de caráter nessa personagem camiliana em específico. Numa passagem da obra, há uma descrição das aquisições literárias de Cassilda:

Detive-me alguns minutos a examinar uma *étagère* de pau preto com livros magnificamente encadernados. Os ramos literários unicamente representados na biblioteca de Cassilda eram romance e poesia. Abri um livro que tinha na capa de marroquim uma coroa de conde: era *O meu vizinho Raimundo* de Paulo de Kock; abri outro que tinha umas iniciais sobre uma coroa ducal: era *Mademoiselle de*

Maupin de Théophile Gautier. *A Dama das Camélias* estava encadernada em veludo azul; e a *Fanny* de Ernest Feydeau em veludo escarlate. À margem dos livros viam-se mãozinhas de irrepreensível esboço apontando as passagens prediletas, que, de relance vistas, me pareceram as mais ofensivas do pudor, ou mais zombeteiras da moral. (Castelo Branco, 2013, p. 114-115)

Dessa forma, a personagem é leitora de romances e poesias e, além disso, destaca suas passagens favoritas dos livros as quais, ao olhar do narrador – masculino –, são imorais e ofensivas, o que reforça a personalidade marginalizada da personagem. Portanto, como a história é contada do ponto de vista de um homem, a figura de Cassilda é descrita de um modo quase pejorativo, como se o narrador tentasse justificar as atitudes da mulher pelas leituras que ela consumia. Contudo, é interessante ressaltar, também, que essa associação entre a personalidade de Cassilda com suas leituras pode ter sido um artifício de Camilo para ironizar a opinião masculina da época já que, mesmo com todos esses pontos negativos destacados pelo narrador, o final da personagem na história é triunfante.

Considerações finais

A educação tradicional portuguesa e o imaginário social oitocentista influenciaram de diversas formas na vida das mulheres, principalmente quanto à formação dos seus valores. Normalmente educadas para serem senhoras do lar, as moças eram moldadas de acordo com um modelo visto como ideal, em que diversos preceitos foram calcados em princípios de uma ótica masculina. As moças, então, aprendiam lições necessárias para conseguirem um casamento conveniente pela perspectiva financeira e, após atingirem esse objetivo, deparavam-se com outro obstáculo: a apatia da vida de casada, já que, conforme Irene Vaquinhas (2000, p. 16), “para ambas, no entanto, ‘senhoras e mulheres’, o século XIX reservou espaços e papéis semelhantes: a casa e a vida familiar e doméstica”. Assim, até a literatura consumida pelas mulheres era controlada: a elas, unicamente era permitido ler romances, novelas, poesias e com conteúdos românticos – mas essas leituras também eram condenadas pelos homens.

Na narrativa de Eça de Queirós, personagem Luísa é um exemplo de como a sociedade portuguesa oitocentista julgava essas mulheres. Com uma crítica direta à educação portuguesa, Eça nos mostra como uma jovem educada sob esses moldes pode ter uma mentalidade inocente perante as situações do cotidiano, além disso, o autor explicita como a visão dominante julga a literatura romântica como perigosa para uma mulher. Entretanto, Eça mostra também a formação de um novo perfil de leitoras – criado a partir de uma educação

diferente da tradicional – que possuíam uma bagagem literária para além do esperado de uma mulher oitocentista, como é o caso de Maria Eduarda.

Já nas obras de Camilo Castelo Branco também é possível perceber a opinião masculina sobre a literatura da época e sobre mulheres leitoras. Em *O que fazem mulheres*, João José Dias representa a visão preconceituosa dos homens em relação aos romances e novelas, que são vistos por ele como imorais, e repreende o fato de sua futura esposa, Ludovina, consumir esse tipo de leitura. N’*A mulher fatal*, a ironia do narrador camiliano é explicitada pela figura de Cassilda Arcourt: a mulher, leitora de romances e poesias, é descrita de uma maneira inferiorizada por um ponto de vista masculino, entretanto, a personagem mostra que suas leituras nada têm a ver com suas atitudes e termina a narrativa de forma pomposa.

Com isso, é notória a presença de personagens leitoras na ficção do Portugal dos oitocentos, sendo essas jovens educadas ou não sob a tradicional educação lusitana. Seja pelas obras de Eça de Queirós ou de Camilo Castelo Branco, é possível analisar, por meio da crítica realizada pelos dois autores, como uma visão social dominante pode influenciar de diversas perspectivas na personalidade e no destino de mulheres. Além disso, também foi viável analisar figuras fortes que divergiam dos estereótipos de submissão feminina.

REFERÊNCIAS

CASTELO BRANCO, Camilo. **A mulher fatal**. [s.l.]: Edições Vercial, 2013.

CASTELO BRANCO, Camilo. **O que fazem mulheres**. [s.l.]: Edições Vercial, 2010.

QUEIROZ, Eça de. **O primo Bazilio**. Porto: Livraria Chardron, 1878. Disponível em: <http://purl.pt/23926>. Acesso em: 28 jun. 2023.

QUEIRÓS, Eça de. **Os Maias: Episódios da Vida Romântica**. Edição de Carlos Reis e Maria do Rosário Cunha. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2017.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2019.

PERROT, Michelle. Os silêncios do corpo da mulher. *In: O corpo feminino em debate*. MATOS, M. I. S. (org.); SOIHET, R. (org.). São Paulo: Editora UNESP, 2003. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=17934. Acesso em: 06 jan. de 2023.

SARAIVA, António José; LOPES, Óscar. **História da Literatura Portuguesa**. 8 ed. Porto: Porto Editora, 1975.

VAQUINHAS, Irene. **“Senhoras e mulheres” na sociedade portuguesa do século XIX**. Lisboa: Edições Colibri, 2000.